

A mulher e a cidade: corpo, gênero e espaço

Thayná Pazzianotto

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luis Silva (Senac-SP).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Senac-SP, 2019.

Ocupar a cidade enquanto mulher pode, por muitas vezes, se mostrar como uma ação natural e carregada de neutralidade. Entretanto, ao estabelecer uma maior aproximação do urbano e de suas discussões, deparamo-nos com inúmeras interferências e ruídos que dificultam ou impossibilitam o diálogo com as questões de gênero. A arquitetura e o planejamento urbano, vinculados ao poder, criam cidades que se opõem àquelas criadas pelo cotidiano de seus habitantes, anulando e desconsiderando

suas necessidades e experiências urbanas. A hierarquização dos corpos baseada no sexo faz o mesmo com os corpos femininos, considerados frágeis e inferiores, criando, assim, um outro tipo de cidade e vivência deles. Portanto, neste ensaio, busca-se analisar as questões da cidade e dinâmicas urbanas a partir do olhar da mulher, na tentativa de compreender de que forma e por que razão ocupamos os espaços de maneiras tão distintas e o quanto a arquitetura e o urbanismo influenciam em tais questões.

The woman and the city: body, gender, and space

Occupying the city as a woman can often be perceived as a natural, neutral action. Yet, looking closely at urban-related discussions, we encounter several interferences and rustles that make it difficult or impossible to dialogue with gender issues. Architecture and urban planning linked to power relations create cities that are opposed to those created by the daily lives of their inhabitants, nullifying and disregarding their urban needs and experiences. The gender hierarchy of bodies applies the same dynamic to female bodies, considered as fragile and inferior, thus creating another type of city and experience. In this essay we seek to analyze the issue of city and urban dynamics from the perspective of women, endeavoring to understand how and why women occupy space in such different ways and how influential architecture and urbanism are to such issues.

La mujer y la ciudad: cuerpo, género y espacio

Ocupar la ciudad como una mujer puede, por muchas veces, parecer una acción natural y cargada de neutralidad. Sin embargo, al establecer una relación más cercana con el urbano y sus discusiones, nos enfrentamos a innumerables interferencias y ruidos que hacen que dificultan o imposibilitan el diálogo con el tema de género. La arquitectura y la planificación urbana vinculadas al poder crean ciudades que se oponen a las creadas por la vida cotidiana de sus habitantes, anulando e ignorando sus necesidades y experiencias urbanas. La jerarquía de los cuerpos basada en el sexo, hace lo mismo con los cuerpos femeninos, considerados frágiles e inferiores, creando así otro tipo de ciudad y experiencia. Por lo tanto, en este ensayo, buscamos analizar los problemas de la ciudad y las dinámicas urbanas desde la perspectiva de las mujeres, en un intento por comprender cómo y por qué ocupamos espacios de formas tan diferentes y cuánta interferencia influyen la arquitectura y el urbanismo en tales asuntos.



INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta reflexões que surgem de questionamentos e anseios de cunho bastante pessoal, que estão sempre presentes no contato com a cidade, fazendo de questões latentes verdadeiras inquietações cotidianas.

O processo de compreensão da relação da mulher com a cidade se deu de forma semelhante a um caminhar: passível de pausas, desvios e retornos; um caminhar que se faz junto, com vários passos, ritmos e distâncias. Portanto, foi de extrema importância para a pesquisa ouvir vozes não só de autoras e profissionais da área, mas de mulheres diversas, que ocupam e percebem o espaço de maneiras distintas. A somatória dessas narrativas às experiências e questionamentos pessoais deu vida ao presente trabalho.

O desenho e a colagem constituem a principal linguagem deste ensaio. O desenho consegue representar as subjetividades e as particularidades das mulheres sem deixar de lado, apesar de abrangente, a narrativa que ainda está sob um olhar único, carregado de percepções pessoais. E a colagem por ter uma mesma lógica com que cidades são construídas, ou seja, da união de uma série de recortes oriundos de lugares distintos que juntos podem criar determinadas unidades.

O ensaio apresenta a relação da mulher com a cidade a partir de três momentos, que procuram sintetizar a forma com que estas vêm ocupando os espaços urbanos. Os momentos são o da mulher "e" a cidade, "na" cidade e "pela" cidade, referentes, respectivamente, ao processo de distanciamento sofrido pela mulher da urbe, às lógicas patriarcais que estruturam os espaços e influenciam na forma com que esta se insere na cidade e aos deslocamentos realizados por elas.

Em cada um desses momentos encontram-se discussões que se relacionam com experiências e percepções pessoais vivenciadas pelo caminhar na cidade.



A MULHER E A CIDADE

O corpo e a cidade estabelecem um diálogo constante entre si, a maneira como nos desenvolvemos enquanto sociedade se reflete no desenho e na estruturação de nossos espaços, da mesma forma como esses espaços também são capazes de influenciar na maneira como nos comportamos e nos relacionamos. O corpo humano é um dos signos mais claros de nossa identidade pessoal e age como um importante instrumento de comunicação, não apenas transmitindo informações, mas tornando-se parte delas.

São esses corpos, tão ricos de informação e conteúdo, que preenchem os espaços e dão significado a eles. É a diversidade de corpos e seus cotidianos que dão vida às cidades e criam outras infinitas. Entretanto, a arquitetura e o planejamento urbano, vinculados às diversas relações de formas de poder existentes, criam cidades que se opõem àquelas construídas pelo cotidiano de seus habitantes. Com isso, os espaços, tão significativos na construção da identidade de grupos sociais, fazem com que aqueles que não detenham tais poderes não se sintam representados ou incorporados à malha urbana.

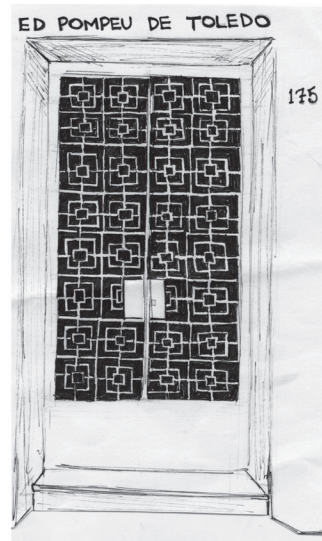
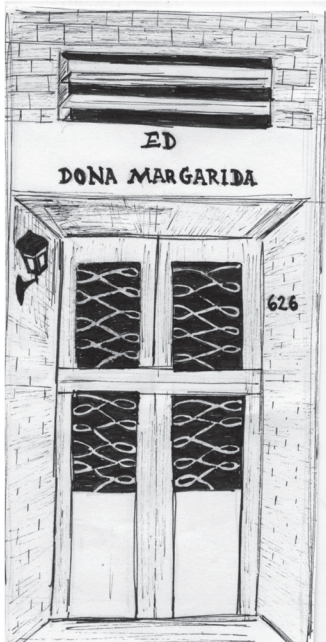
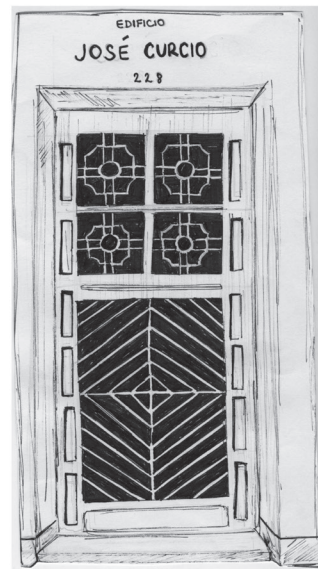
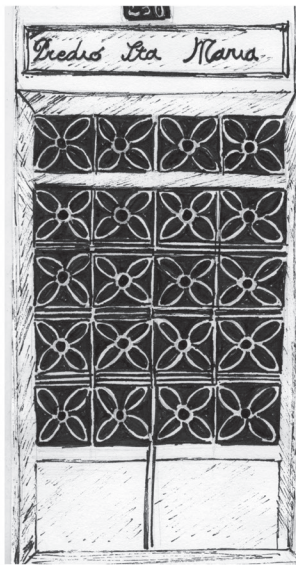
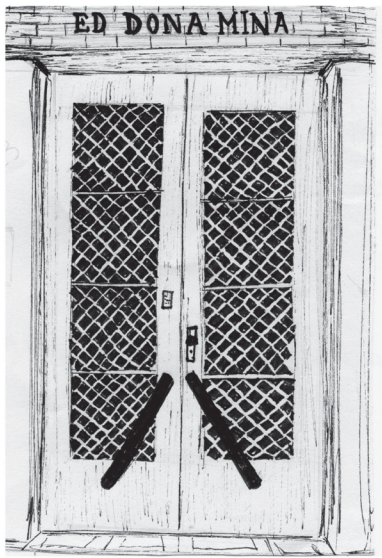
A hierarquização dos corpos baseada na construção social do gênero é um exemplo de relação de poder e opressão bastante expressiva em nossa sociedade e que reflete diretamente na configuração de nossos espaços, muitas vezes segregando e tornando invisíveis questões referentes aos corpos oprimidos.

Em nossa sociedade, estruturada por um sistema patriarcal e heterossexista, o gênero masculino foi tido como o gênero normativo. Dessa forma, a feminilidade foi rotulada a partir de uma série de características consideradas inferiores, sendo constantemente desvalorizada e criando um sistema de hierarquia entre os sexos, onde o masculino é superior ao feminino.

Esta forma assimétrica com que se dá as representações e práticas relacionadas aos sexos faz com que se estabeleça uma dominação masculina em relação às mulheres e seus corpos, sendo estas afetadas constantemente e de diversas maneiras. Essa dominação limita não apenas seus corpos, mas também seus territórios, influenciando diretamente seus deslocamentos e relação com o espaço.

O forte vínculo existente entre a figura da mulher e o espaço doméstico é um dos exemplos mais evidentes dos limites físicos impostos a elas. Além disso, a lógica capitalista provoca uma série de mudanças estruturais e sociais que afetam principalmente as mulheres, acarretando seu afastamento e estranhamento dos espaços públicos, degradação social, desvalorização de seu trabalho e a criação de uma imagem inerente à casa e aos filhos, fazendo com que a mulher perdesse todo e qualquer direito à cidade.

Na tentativa de compreender de que forma se deu o processo de afastamento entre a mulher e a rua, uma pequena linha histórica foi criada com os principais acontecimentos e estruturas consideradas relevantes para que a mulher passasse a ocupar e se relacionar com a cidade como nos dias atuais.



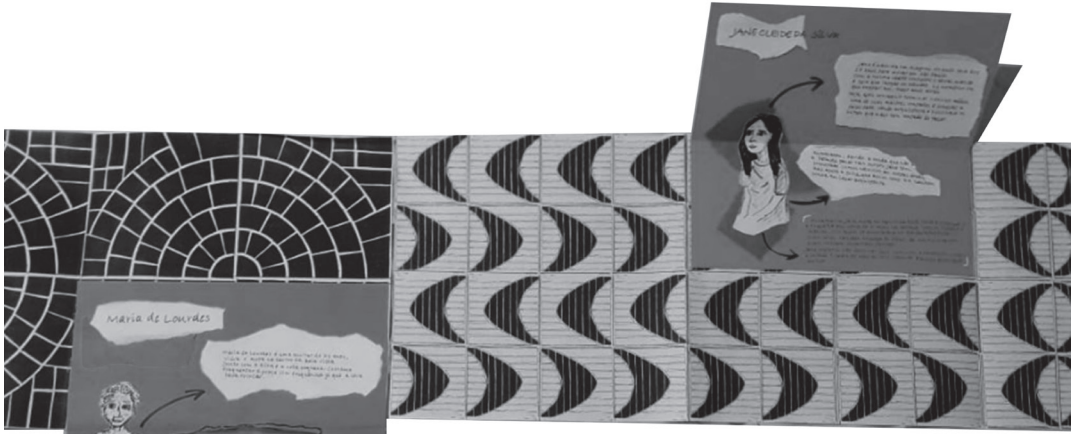
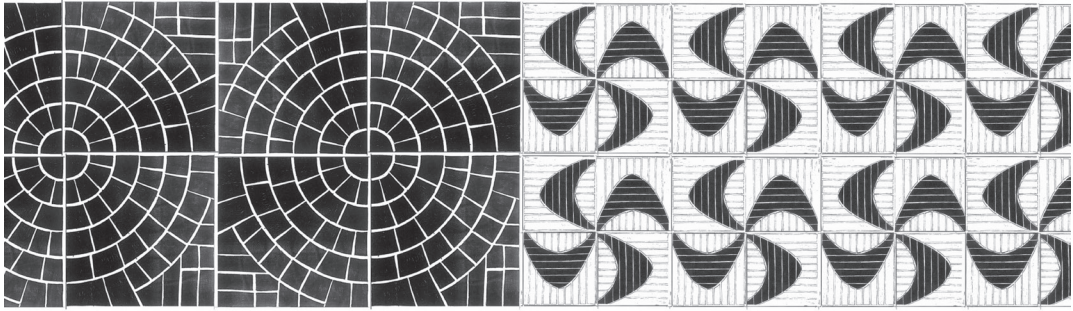
A MULHER NA CIDADE

Por muito tempo os estudos e planejamentos da cidade foram analisados a partir de questões demográficas, econômicas, culturais e políticas, sendo o gênero considerado algo sem muita relevância. Entretanto, ao se pensar a cidade sem compreender ou considerar a existência da aliança entre capitalismo e patriarcado, essencial para o processo de dominação feminina, é impossível se ter um entendimento completo das cidades e, principalmente, reconhecer nelas a mulher.

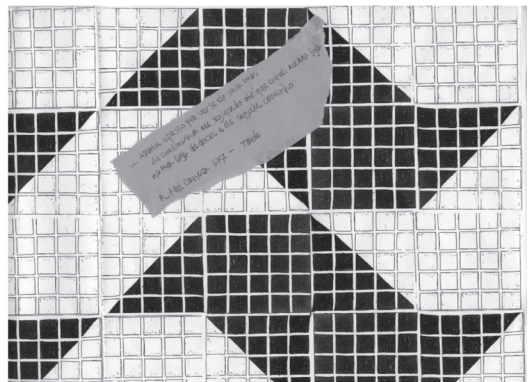
Villagrán (2014) destaca algumas das lógicas patriarcais que organizam e sustentam a estrutura urbana. A primeira se dá com a criação de dicotomias, sendo a "público x privado" uma das principais, pois é através dessa lógica que as construções dos papéis sociais dos gêneros se espacializam na cidade. A forma com que a sociedade se desenvolveu, criou no imaginário social uma ideia sólida e bem estruturada da existência de um vínculo inerente do espaço da casa à mulher, sendo atribuída a ela toda a responsabilidade doméstica e, portanto, a associação de seu corpo ao espaço privado. Enquanto isso, o homem foi fortemente vinculado à imagem de provedor, tendo como seu espaço, por consequência, a rua.

A segunda lógica diz respeito às representações de ambos os sexos no meio urbano e de como o olhar patriarcal as atribui às formas arquitetônicas de maneira simbólica. O gênero masculino, por exemplo, tido como superior, exerce autoridade sobre o feminino e se torna o gênero normativo, limitando os espaços e criando as cidades a partir do seu próprio corpo. O homem se projeta na cidade, estabelecendo correspondências entre si e a arquitetura. Entretanto, ao fazer isso, cria também outras correspondências aos corpos femininos. Assim, o corpo masculino se reconhece através do grande, sólido e poderoso, no que é vertical e linear, enquanto o corpo feminino fica associado ao que é delicado, curvo e abobadado.

A terceira lógica é apontada como um dos pilares da organização espacial urbana e opera através da invisibilidade da mulher no cotidiano da cidade e na vida pública. Ao tirar ou distorcer elementos de representação e identificação feminina da cidade, as mulheres deixam de se sentir pertencentes a esses espaços ou acabam sendo colocadas de formas impositivas, pré-determinadas e estereotipadas dentro deles. Ocorre, então, o que Calió (1997, p.4) define como "[...] 'invisibilização' das mulheres na multidão urbana. Elas estão lá, importantes para o cenário, mas insignificantes para a cena". Entretanto, ao falar sobre a invisibilidade e



ele encostou seu quadril na minha
perna, acho que fosse por causa do
movimento do ônibus e no mesmo
momento a teta rejeitou novamente e eu
fui correndo...



...acho que foi por causa do
movimento do ônibus e no mesmo
momento a teta rejeitou novamente e eu
fui correndo... 177 - Tuba

o apagamento das mulheres, é preciso compreender que existem certos recortes que fazem com que esse processo se dê de formas e intensidades diferentes a determinados grupos de mulheres. No Brasil, por exemplo, a mulher pobre, negra e periférica é constantemente invisibilizada, carregando consigo uma tripla opressão que a torna muito mais vulnerável a qualquer questão do cotidiano da cidade. No que diz respeito às mulheres trans e travestis, essa invisibilidade se intensifica, sendo suas questões, percepções e experiências na cidade, completamente ignoradas.

Ao caminhar pelo espaço urbano é possível perceber como tais lógicas patriarcais se materializam de forma muito simbólica. Um exemplo disso são as nomenclaturas expressas na cidade. O limite espacial existente entre a mulher e a rua, espaço extremamente masculino, assim como sua relação com o espaço doméstico, característico do feminino, pode ser visto através da diferença na nomenclatura de ruas e prédios.

Os nomes das ruas pouquíssimas vezes encontram nomes de mulheres, porém, quando se trata da nomenclatura de prédios residenciais estes aparecem com uma frequência muito maior. Em relação à questão do apagamento e invisibilidade da mulher, tal lógica também pode ser percebida na construção de nomes masculinos que quase sempre estão acompanhados de títulos e sobrenomes, muito diferente do caso das mulheres que são representadas apenas pelo primeiro nome e por títulos como "santa" ou "dona".

A forma arquitetônica desses prédios evidencia mais uma das lógicas patriarcais apontadas, ou seja, na associação do feminino a formas específicas e pré-definidas. Curvas e superfícies abobadas aparecem com maior frequência em edifícios com nomes femininos, enquanto aos masculinos dá-se lugar a retas e formas lineares.

A MULHER PELA CIDADE

O urbanismo aparece como disciplina no final do século XIX, diante da expansão das cidades industriais. Entretanto, é no início do século XX que surge o pensamento urbanístico responsável por criar diretrizes e bases teóricas utilizadas até os dias atuais no planejamento das cidades. O urbanismo moderno expresso na Carta de Atenas "'compilou' aprendizados e práticas de arquitetos e urbanistas ao longo de mais de 100 anos e, por isso, acabou se tornando uma das principais referências no processo de urbanização e crescimento das cidades ocidentais" (HARKOT, 2018, p.39).

Tendo como suas funções-chave o habitar, o trabalhar, o recrear e o circular, a cidade foi teorizada por uma perspectiva funcionalista, como se as necessidades humanas fossem iguais entre si, bastando um modelo único de cidade para solucionar todos os problemas e demandas de seus moradores. Entretanto, assim como coloca Roman e Velázquez (2008), pensar a cidade para um uso excessivamente simplista faz com que não se reconheça a complexidade da vida cotidiana dos diferentes grupos sociais que nela estão inseridos.

Ao compreender o espaço e a vida urbana divididos em tarefas e momentos, a cidade passou a ser planejada a partir de usos especializados, "de forma que as áreas residenciais, lugares de trabalho e zonas comerciais e de serviços se localizam diferentemente no espaço, separadas uma das outras" (MOLINA, 2006 apud VILLAGRÁN, 2014, p.204). A principal separação das cidades modernas está na divisão das atividades de produção e reprodução, fazendo com que os deslocamentos sejam feitos a partir das lógicas e regras do capitalismo. Como a classe trabalhadora e sua força de trabalho são indispensáveis para o capital, deslocar essa massa de suas casas até seus empregos tornou-se imprescindível, fazendo desta a principal função do sistema de transportes das metrópoles brasileiras (HARKOT, 2018, p.44). Dessa forma, o trabalho reprodutivo é completamente esquecido pela lógica urbanística.

Entretanto, ao considerarmos que atividades reprodutivas são realizadas, majoritariamente, pelo gênero feminino e que o sistema de mobilidade desconsidera e ignora essas atividades, podemos concluir que os deslocamentos das mulheres e suas demandas não são pensados nem atendidos por esse sistema.

Os meios de transporte também são organizados por essa lógica de deslocamento, que ocorre de maneira pendular, a partir do eixo casa-trabalho. Entretanto, este é um tipo de deslocamento característico do homem. Devido à dupla ou até mesmo tripla jornada das mulheres, estas se deslocam de forma distinta, em "cadeia" (MCGUKIN; MURAKAMI, 1999 apud HARKOT, 2018). Entre o percurso casa-trabalho, as mulheres ainda frequentam espaços que são considerados extensões da esfera doméstica por estarem vinculados às atividades de cuidado, como escolas, supermercados, hospitais, farmácias, feiras, entre outros.

Além da mobilidade e do transporte urbano, outra forma de dominação feminina na cidade se dá através da insegurança e da violência nos espaços públicos. Isso foi tratado por muito tempo como um assunto isolado, não sendo inserido às discussões e políticas de segurança na cidade, pois acreditava-se que a violência ocorria apenas no âmbito doméstico, realidade que era invisibilizada e naturalizada aos olhos da população. Enquanto isso, as formas de violência contra a mulher ocorridas nos espaços públicos eram vistas como decorrentes do espaço urbano como um todo, e não como um fenômeno vinculado ao gênero.

Siqueira (2015) aponta que o medo das mulheres está intimamente relacionado à sua integridade física, como assalto, assassinato e estupro, enquanto os homens sentem mais medo de crime relacionados ao patrimônio. A insegurança da mulher está diretamente relacionada à sua liberdade de movimento e ao uso do espaço, já que limita e impõe formas de acesso à cidade.

A fim de trazer as experiências vivenciadas pelas mulheres em seus deslocamentos, buscou-se recriar os caminhos, percursos e vivências de mulheres que andam pela cidade na tentativa de compreender melhor estes deslocamentos em rede e as questões pelas quais se esbarra ao caminhar pela cidade enquanto mulher.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CALIÓ, Sonia Alves. Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano. **Encuentro de Geógrafos de América Latina**, Puerto Rico, v.6, p.1-9, 1997. Disponível em: <observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/737.pdf>. Acesso em: fev. 2021.
- CORTES, José Miguel. **Políticas do espaço**: arquitetura, gênero e controle social. 1. ed. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo**: um estudo da revolução feminista. São Paulo: labor do Brasil, 1976.
- HARKOT, Marina Kohler. **A bicicleta e as mulheres**: mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ROMÁN, Marta; VELÁZQUEZ, Isabel. **Guía de urbanismo con perspectiva de género**. Consejería de Política Social. Mujer e Inmigración. Comunidad Autónoma de la Región de Murcia, 2008. Disponível em: <www.gea21.com/archivo/guia-de-urbanismo-con-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: mar. 2021.
- SANTORO, Paula Freire. Gênero e planejamento territorial: uma aproximação. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu (MG), set./out. 2008. Disponível em: <www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/3378>. Acesso em: fev. 2021.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- SIQUEIRA, Lucia de Andrade. **Por onde andam as mulheres?** Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro de Recife. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) — Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- VILLAGRÁN, Paula Soto. Patriarcado y orden urbano. Nuevas y viejas formas de dominación de género em la ciudad. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, Universidad Central de Venezuela, v.19, n.42, p.199-214, jan./jun. 2014.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pelo Centro Universitário Senac de São Paulo em 2019.
thaynapazzianotto@hotmail.com